

REFAP
Alberto Pasqualini - Refap S/A
apresenta

MARCOS BREDA ★ CAMILA PITANGA ★ BRUNO GARCIA

LEONARDO NETTO • CAROLINA VIRGUEZ • MARIO BORGES • ALICE BORGES

Texto CAIO FERNANDO ABREU
LUIZ ARTHUR NUNES

Direção LUIZ ARTHUR NUNES

IMPACTANTE!
DILACERANTE!
SURPREENDENTE!



“... um espetáculo redentor para a torturada visão dos homens.”

Cenário virtual FÁBIO PASSOS (sobre croquis originais de ALZIRO AZEVEDO)
Objetos e adereços de cena CLÁUDIO AMARAL PEIXOTO
Figurino MARCELO PIES . Visagismo MONA MAGALHÃES
Iluminação SAMUEL BETTS . Trilha Sonora WESLEY COLL
Preparação Corporal ANTÔNIO NEGREIROS

A MALDIÇÃO DO VALE NEGRO

Primavera de 1834, província de Castelfranc, França.

A paz parece reinar no castelo dos Belmont, que ergue-se imponente no alto do Vale Negro. Agatha, a velha e corcunda governanta, prepara a beberragem medicinal do último descendente da nobre linhagem, conde Maurício, que, doente e envergado pelos anos, cochila em seu *recamier*. Com o frescor e a inocência de costume, Rosalinda, pobre órfã acolhida na tenra infância pela generosidade do velho fidalgo, hoje com 19 anos, volta de seu habitual passeio pelo bosque trazendo flores e frutos silvestres. Subitamente a cascata que corre no Vale interrompe seu fluxo e ouvem-se ao longe brados tétricos e inumanos, pressagiando que algo terrível está por acontecer. É a maldição do Vale Negro.

E, como nem tudo e nem todos são o que parecem ser, até que a paz volte a reinar na mansão dos Belmont, muitas reviravoltas estão a caminho. Lágrimas copiosas serão vertidas; as mais vis torpezas e perfídias, praticadas; segredos hediondos, revelados; curas miraculosas vão dirimir atrozes desventuras infligidas a criaturas pias e justas; e o castigo recairá implacável sobre aqueles que, movidos pela cupidez e a impiedade, não hesitaram em desgraçar a vida de seus semelhantes.

A Maldição do Vale Negro, uma requintada e deliciosa paródia do melodrama clássico, criada a quatro mãos pelo escritor Caio Fernando Abreu (1948-1996) e o diretor teatral Luiz Arthur Nunes em 1986, é a peça escolhida pela trinca de produtores associados formada pela atriz Camila Pitanga, o ator Marcos Breda e a produtora Maria Helena Alvarez, da CARAVANA Produções, para dar continuidade ao projeto de levar à cena diferentes vertentes da comédia ocidental, iniciado em 2002 com a premiada encenação do clássico da commedia dell'arte *Arlequim, Servidor de Dois Patrões*, sob a direção de Luiz Arthur Nunes.

Dirigida pelo próprio Luiz Arthur, que responde também pela direção artística do projeto, e trazendo no elenco quatro dos onze integrantes da trupe do *Arlequim* (Camila Pitanga, Marcos Breda, Mario Borges e Leonardo Netto) e mais três extraordinários atores-comediantes (Bruno Garcia, Alice Borges e Carolina Virguez), *A Maldição do Vale Negro* fez a sua estréia nacional último dia 26 de novembro, no Theatro São Pedro, em Porto Alegre, e cumpre dois meses de temporada no Teatro Villa-Lobos, Rio de Janeiro, de 7 de janeiro a 13 de março. Estão em negociação ainda, uma temporada em São Paulo, outra mais prolongada em Porto Alegre, uma turnê pelo interior do Rio Grande do Sul e uma gira por 10 capitais brasileiras.

A montagem, patrocinada pela REFAP, vem a ser a terceira orquestrada pelo diretor e co-autor desde a criação do texto. A primeira foi em 1986, pelo Teatro Vivo, grupo que fez história em Porto Alegre nos anos 70 e 80, e a segunda, produzida dois anos mais tarde no Rio de Janeiro por Maria Esmeralda e Ivo Fernandes, foi contemplada com o Molière em duas categorias: Melhor Texto e Melhor Cenário. Sem falar na encenação do esquete que deu origem à peça, pelo Grupo de Teatro Província, também de Porto Alegre, e que encerrava o espetáculo *Sarau de 9 às 11*, de 1976, contando com a participação de Caio Fernando Abreu como ator, no papel do cigano Vassili.

A reedição conta trilha sonora criada por Wesley Coll para a montagem original do texto pelo Teatro Vivo; figurinos especialmente criados por Marcelo Pies (da recente montagem de *Tio Vânia*, por Aderbal Freire Filho, e de *Os Sete Afluentes do Rio Otta*, de Monique Gardenberg, trabalhos que lhe valeram duas indicações para o prêmio Shell); objetos e adereços de cena de Cláudio Amaral Peixoto, responsável também pela programação visual; visagismo de Mona Magalhães, criadora das impagáveis máscaras vivas de *Arlequim, Servidor de Dois Patrões*; iluminação de Samuel Betts; e cenário virtual com animação em 3D de Fábio Passos, desenvolvido a partir dos telões desenhados por Alziro Azevedo, falecido no final dos anos 90, que serviram tanto à montagem original, quanto à remontagem carioca, quando o artista foi agraciado com o Molière de Melhor Cenário. A preparação corporal do elenco leva a assinatura de Antônio Negreiros, que trabalhou em colaboração com Luiz Arthur Nunes na criação e no acabamento da minuciosa partitura de movimentos do espetáculo.

Como em *Arlequim*, o processo de preparação dos atores para *A Maldição do Vale Negro* envolveu, além de aulas teóricas e de corpo, um seminário aberto ao público, batizado de *Sangue, Suor e Lágrimas: O Melodrama e seus Desdobramentos*, que, de 19 a 23 de novembro ocupou o Teatro do SESC de Porto Alegre com palestras, debates, um ciclo de leituras e uma mostra de cinema.

A nova encenação de Luiz Arthur para *A Maldição do Vale Negro*, introduz, pela primeira vez, um elemento masculino no papel de Agatha, a pérfida governanta dos Belmont: o ator Marcos Breda, que, depois de trabalhar no diapasão solar, lúdico, explosivo e acrobático do personagem-título de *Arlequim, Servidor de Dois Patrões* – que o levava a perder cerca de dois litros por sessão –, enfrenta o desafio de construir uma personagem radicalmente antagonista: fria, hirta, internalizada, perversa e desumana, Agatha é, na definição do ator-produtor, “um vulcão de maldade, uma lava fétida contida”.

Em fase de conclusão de sua monografia de formatura pela UNI-Rio, que versa justamente sobre a arte do Melodrama, depois de viver no teatro Beatriz Rasponi, a mocinha transgressora de *Arlequim*, Camila Pitanga entrega-se à pueril Rosalinda, heroína típica do melodrama clássico: inocente, desprotegida, crédula e... vítima fácil de inescrupulosos vilões. Para construir a personagem a atriz-produtora da peça empenhou-se, literalmente, de corpo e alma, em aulas regulares de balé clássico e voz.

A ARTE DO MELODRAMA, SEUS DESDOBRAMENTOS E O FASCÍNIO EXERCIDO POR ELES SOBRE OS AUTORES DE “A MALDIÇÃO DO VALE NEGRO”

Marcada pelo exagero, a artificialidade e o caráter lacrimoso, inverossímil e moralista de suas tramas, repletas de reviravoltas bruscas, recursos fáceis e efeitos espetaculares, que lhe conferem um riquíssimo potencial de teatralidade, a arte do Melodrama eclode na França pós-revolucionária do final do século XVIII como uma dramaturgia de grande impacto popular. E, mesmo insistentemente desprezada pela crítica e pela *intelligentsia* como uma arte menor e alienante, resiste à exclusão, revela uma extraordinária capacidade de renovação ao metamorfosear-se nos mais variados formatos narrativos – folhetim, circo-teatro, radioteatro, radionovela, telenovela, cinema – e atravessa os séculos encantando platéias, leitores, ouvintes e telespectadores, impondo-se como o gênero mais popular da história recente da ficção.

Gaúchos da mesma geração e amigos desde a adolescência, antes de refinarem o gosto literário e pensarem em se definir pela literatura e pelo teatro, Caio Fernando Abreu e Luiz Arthur Nunes, os autores de *A Maldição do Vale Negro*, foram ouvintes vibrantes e assíduos dos dramalhões cubanos e mexicanos que faziam o sucesso do Grande Teatro Colgate-Palmolive e das radionovelas de Ghiaroni, Amaral Gurgel, Ivani Ribeiro e, claro, Janete Clair. Foram também leitores vorazes de folhetins volumosos de títulos bizarros, como *As Doidas de Paris* ou *A Toutinegra do Moinho*, dos romances policiais da Coleção Vampiro e da Coleção Amarela; e, até, de fotonovelas publicadas por revistas como *Capricho* e *Grande Hotel*, e dos romances de amor da Coleção Rosa e da Biblioteca das Moças, emprestados da mãe ou da irmã de um e de outro. Nascido em Santiago do Boqueirão, antes de mudar-se para Porto Alegre aos 16 anos, Caio teve ainda uma vantagem sobre o amigo: a chance de assistir aos melodramas do circo-teatro.

A Maldição do Vale Negro nasce, portanto, de uma evocação desse antigo fascínio de Caio e Luiz Arthur pelas tramas sentimentais e personagens melodramáticos, que, em todos aqueles múltiplos formatos, povoaram seus verdes anos. Os nomes da província onde se passa a ação, Castelfranc, e do conde, Maurício de Belmont, são emprestados, por sinal, dos protagonistas de uma radionovela de estrondoso sucesso nos anos 50: *Lírios que Nascem no Lodo*. E, apesar de respeitar os cânones principais do melodrama clássico, a dupla de autores dá-se à liberdade de introduzir, na abertura de cada cena, uma voz narrativa em *off*, numa alusão explícita às locuções narrativas típicas do período áureo das novelas radiofônicas – voz, aliás, gravada especialmente para o espetáculo por ninguém menos que Paulo Autran.

Com a trama e 80% do texto erguidos em ritmo frenético pela dupla de autores durante um feriadão de carnaval, *A Maldição do Vale Negro* é, segundo a visão de Luiz Arthur, “um comentário ao mesmo tempo irônico e carinhoso sobre nossas raízes culturais”. “O melodrama, em sua essência, não é absolutamente uma arte datada”, afirma o autor-diretor. “Por trás do verniz realista dos sucessos de Hollywood ou das telenovelas de hoje, acham-se os mesmos ingredientes do melodrama do século XIX”.

Escrito na segunda pessoa, especialmente a do plural, em linguagem erudita e rebuscadíssima, recheada de assertivas implausíveis, insinuações viperinas, torpes infâmias e imagens hiperbólicas, de um sentimentalismo transbordante (confira no box algumas pérolas), o texto de Caio Fernando Abreu e Luiz Arthur Nunes esbanja humor e ludicidade, deixando antever, pela simples leitura, um exuberante jogo cênico.

A ENCENAÇÃO

A proposta de encenação de Luiz Arthur Nunes para *A Maldição do Vale Negro* é, em suas próprias palavras, “a mesma que norteou a dramaturgia”. Resultado de uma pesquisa de linguagem sobre as formas do melodrama do século XIX, a cena urdida pelo diretor para o texto escrito há quase duas décadas em parceria com o autor de *Morangos Mofados* e *Onde Andará Dulce Veiga?*, promove, sem medo de ser feliz, o resgate do vasto baú de recursos fáceis que há três séculos faz o encanto do palco melodramático: “os cenários pintados, os figurinos vistosos, a maquiagem exagerada, o gestual exacerbado, o tom declamatório, o emocionalismo paroxístico, a música grandiloqüente e a iluminação carregada, além de efeitos como os quadros-vivos pontuando a narrativa”, tudo, de uma maneira ou de outra, é revivificado no palco em pleno terceiro milênio.

Que ninguém pense, no entanto, que se trata de uma montagem arqueológica. “Não nos interessa a mera preservação de uma relíquia histórica para a curiosidade dos eruditos”, garante o diretor. “Ao recuperarmos o arsenal de clichês do gênero, e tentarmos reproduzir com a máxima fidelidade um sistema de códigos caído em desuso, não estamos fazendo uma cópia isenta, imparcial, mas, exercendo uma prática distanciadora, capaz de, com um olhar ao mesmo tempo crítico e afetuoso, surpreender tanto as qualidades quanto as fragilidades desta tradição.”

A ROUPAGEM DA CENA

A grande inovação técnica da atual montagem de *A Maldição do Vale Negro* está no cenário virtual com animação em 3D projetado pelo designer gráfico Fábio Passos. Com base nos croquis desenhados em 1986 pelo cenógrafo e figurinista gaúcho Alziro Azevedo, que ambientaram as montagens anteriores da peça, Passos cria as animações e as passagens de acesso para os cenários estáticos dos telões originais – o lúgubre interior do castelo dos Belmont, o acampamento cigano onde Rosalinda desvenda o segredo em torno de sua origem, e a cripta subterrânea onde foi encarcerada sua mãe – , além de engendrar um quarto ambiente que não constava do cenário original da montagem de 88: a floresta em que a jovem se embrenha ao deixar, sem destino, o castelo de seu benfeitor. Projetadas no fundo, nas pernas (laterais da caixa preta, que dão acesso à coxia) e no piso do palco, as imagens ajudam a conferir profundidade ao espaço cênico, dando a ilusão de tridimensionalidade e permitindo a integração do elenco aos três ambientes deste cenário não-físico – virtual.

Trata-se da segunda vez que a tecnologia da animação em 3D é aplicada nas artes cênicas no Brasil. O trabalho pioneiro vem sendo desenvolvido por este jovem gaúcho de Caxias do Sul, que, no ano passado, em parceria com Fred Tolipan, transformou em imagens virtuais com movimento o cenário criado por Hélio Eichbauer para o balé *Terra Brasilis*, de Fernando Bicudo.

Somando-se ao cenário virtual, garimpados em brechó ou especialmente criados, alguns objetos de cena traçados por Alziro na superfície plana dos telões, ou transportados originalmente por ele para o espaço físico do palco, são recriados por Cláudio Amaral Peixoto: o *recamier* onde repousa o conde Maurício de Belmont, uma cadeira do castelo e a fogueira do acampamento dos ciganos, propositadamente falsa. Sem falar em pequenos adereços, que também contribuem para apoiar a ação dramática.

Entrecortada e com muitos focos individuais, oscilando entre os tons frios e as variações do sépia, a iluminação de Samuel Betts trabalha no fio da navalha: ao mesmo tempo em que precisa contribuir para sublinhar a profusão de momentos palpantes da ação dramática, não pode interferir na projeção do cenário virtual, amenizando seus efeitos. Por outro lado, nos momentos mais intimistas, deve atuar em interação precisa com a projeção.

Marcelo Pies inspira-se nas cores e no jogo de claro e escuro da pintura de Delacroix, o principal representante do romantismo pictórico francês, para criar os figurinos do núcleo aristocrático da trama. Preto, marrom, prata e dourado para eles; rosa, marfim e matizes que vão do terracota ao grená para elas. O rebuscamento e a riqueza de detalhes dos desenhos e dos cortes aludem ao estilo romântico da indumentária da época, mas recebem uma intervenção estilizada através do tratamento dos tecidos (veludo, seda, renda), tingidos artesanalmente ou pintados e bordados à mão. O figurino dos ciganos Jezebel e Vassili mistura elementos de diversas vertentes da estética gitana da época, com predominância da de origem indiana, na utilização de tecidos rústicos e aplicações de brilhos e bordados.

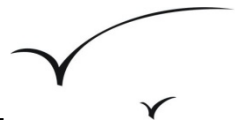
A caracterização dos personagens, monolíticos e extremamente tipificados no melodrama (clássico ou não), pede uma maquiagem pesada, artificial e, por isso mesmo, eminentemente teatral. O trabalho de visagismo de Mona Magalhães faz referência à estética cênica do século XIX, especialmente às caracterizações de ópera, cujos códigos de interpretação e maquiagem se aproximam do melodrama clássico: olhos sempre carregados, com pontos vermelhos nos cantos, indicando a abertura do olhar do ator para os contornos do personagem, e postigos de toda a sorte: perucas, cílios, sobrancelhas, barbas, bigodes e, até, uma corcunda para Agatha.

Pautada em standards da música clássica e criada por ocasião da primeira montagem da peça pelo Teatro Vivo de Porto Alegre, a trilha de Wesley Coll, hoje radicado nos Estados Unidos, lança mão, entre outras obras-primas, de trechos das sinfonias *nº 6*, de Tchaikovsky (não por acaso denominada *Patética*), e *nº 9*, de Beethoven, do emblemático *Concerto de Aranjuez*, de Joaquín Rodrigo, de obras de Verdi, Mussorgsky e Rachmaninoff e de árias ciganas para sublinhar com grandiloquência os pontos altos da trama.

Enfim, emprestando do pensamento do diretor o resumo do melodrama, ao “reviver em cima de um palco ícones, emblemas, simulacros e rituais” do gênero mais popular da ficção ocidental dos últimos séculos, a encenação de *A Maldição do Vale Negro* tem tudo para se transformar em uma deliciosa e divertida maneira de “nos compreendermos melhor”.

Assessoria de imprensa e texto

Angela de Almeida VERBO VIRTUAL



QUEM É QUEM

MARIO BORGES é..... o conde Maurício de Belmont
(último descendente de sua nobre linhagem, arruinado e gravemente doente)

CAMILA PITANGA é..... Rosalinda
(a bela e virtuosa afilhada do conde de Belmont)

MARCOS BREDA é..... Agatha
(a cúpida e pérfida governanta dos Belmont)

ALICE BORGES é..... a condessa Úrsula de Belmont
(a desditosa genitora de Rosalinda, trancafiada há anos pelo irmão em uma cripta subterrânea)

BRUNO GARCIA é.....o marquês Rafael D'Allençon
(o sedutor, inescrupuloso e voltívulo pretendente de Rosalinda)

CAROLINA VIRGUEZ é..... Jezebel
(a astuta e resoluta cigana, conhecedora das artes divinatórias do tarô)

LEONARDO NETTO é..... Vassili
(o doce cigano, cegado pela ira do conde de Belmont por ter-se casado secretamente com Úrsula)

PAULO AUTRAN é o Narrador
(voz em off)